

“EU QUE FIZ!”

Um recorte fotográfico da moda na parada gay de Salvador (2005)

Giovana Dantas*

*Além do suporte fotográfico, Giovana Dantas vem trabalhando com materiais orgânicos como couro de porco e objetos vários retirados da Feira de São Joaquim. É graduada em Artes Visuais e Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Professora das Faculdades Jorge Amado e integrante do grupo de pesquisa do CNPQ “Matéria, Conceito e Memória em Poéticas Visuais Contemporâneas” (MCM). Últimas publicações: Memória da Pele. In: ANAIS do XIV Encontro Nacional da ANPAP, Salvador, 2006. Peter Greenaway: trânsito de imagens e teatralidade. In: ANAIS do II Congresso da ABRACE, Salvador, 2001. Principais exposições: Memória da Pele – Caixa Cultural – Brasília-DF (2006), Memória da Pele – Galeria Moacir Moreno – Salvador-BA (2005), Escarificações – Galeria ACBEU – Salvador-BA (2005), Escarificações – Caixa Cultural – São Paulo (2005), Feira Livre, Instalações Culturais – Caixa Cultural e Escarificações – Galeria EBEC – Salvador-BA (2003), Escarificações – Solar do Barão – Curitiba-PR (2002).
www.giovanadantas.com.br /
giovanadantas@bol.com.br

Resumo:

Este artigo contextualiza a exposição “*Eu que fiz!*”, que integrou a mostra anual *Agosto da Fotografia* (2006), e que tem como tema a moda produzida pelos participantes da *Parada Gay* de Salvador, no ano de 2005. Durante este evento, com o auxílio de uma equipe de apoio, foi montado um cenário onde se tornou possível criar um recorte fotográfico desses personagens e da moda casual das ruas naquele momento. Na *Parada do Orgulho Gay*, os participantes reconstróem seus respectivos corpos para manifestarem suas fantasias e opções sexuais. O corpo é manipulado e potencializado através do modo como se veste, para evidenciar suas características mais atraentes, que são eleitas segundo valores estéticos, também compartilhados no coletivo.

Palavras-chave: intervenção, fotografia, moda gay, customização.

Como tudo aconteceu

Este artigo contextualiza a exposição “*Eu que fiz!*”, que integrou a mostra anual *Agosto da Fotografia* (2006), e que tem como tema a moda produzida pelos participantes da *Parada Gay* de Salvador, no ano de 2005. Durante este evento, com o auxílio de uma equipe de apoio, foi montado um cenário onde se tornou possível criar um recorte fotográfico destes personagens e da moda “faça você mesmo”.

Todo o processo do trabalho não durou mais do que três horas. Chegou-se ao Campo Grande, lugar de concentração para o desfile, e logo vislumbrou-se o local ideal para aquela intervenção – a cerca do estacionamento, junto ao palco. Ali, montei um cenário bem convidativo, usando tecidos leves, reluzentes, com muito brilho. Em outro momento, apenas um fundo vermelho. À medida que os personagens iam passando pelo asfalto, eram convidados a posar para uma foto. A empatia foi imediata. Aquela intervenção, por si só, era atraente, tanto para os travestis como para o público em geral, que também usavam o cenário para uma foto, marcando sua presença na festa.



“Eu que fiz!”, fotografia, 2005. Giovana Dantas.

A intenção não era exatamente registrar a *Parada Gay*, mas criar um recorte do evento, focando personagens e a moda casual das ruas naquele momento. Minha atenção centrava-se na possibilidade de deslocar, do burburinho e da confusão visual da festa como um todo, aquela imensa produção de moda inscrita nos corpos, inserindo estes personagens em um estúdio “mambembe”, à luz do sol. De maneira muito simples e divertida, busquei capturar em fotografia a produção de diferentes *looks*, elaborados pelos participantes do desfile, que exibiam suas criações – roupas, sapatos, bolsas, adereços, perucas e outros “parangolés”.

Ao descrever o processo de construção deste trabalho, tomo como ponto de apoio as idéias de Arlindo Machado acerca da composição na fotografia e da importância da hierarquia de planos no enquadramento fotográfico. Falo da fotografia como evento, como intervenção, compartilhando das palavras de Susan Sontag. O corpo potencializado pela moda, sobretudo em festas e eventos, como a Parada Gay, e o fenômeno da customização são tratados a partir de algumas considerações de Kathia Castilho e Renata Pitombo.

O resultado deste trabalho foi exposto na galeria do Teatro Vila Velha durante a mostra *Agosto da Fotografia* (2006), realizada em Salvador pela Casa da Photographia, com curadoria de Marcelo Reis, e que teve como tema a moda produzida e exibida pelos participantes da parada, no ano de 2005.

Para todas as pessoas que fotografei, eu fazia a mesma pergunta: “Quem produziu o seu visual?” E elas respondiam, com aquele conhecido orgulho gay: **“Eu que fiz!”**

A fotografia como recorte e registro

Se pode haver um modo melhor para o mundo real incluir o mundo das imagens, vai demandar uma ecologia não só de coisas reais mas também de imagens.

Susan Sontag

Da mesma forma que se elabora uma composição na realização pictórica, através da manipulação de elementos que compõem o campo visual, e isto pressupõe uma escolha e uma intenção que se materializam no resultado, também são escolhas a determinação do ângulo de tomada e o enquadramento no ato de fotografar, definindo valores na cena. É indispensável atentar para o fato de que, ao mesmo tempo em que a fotografia é um registro científico, aparentemente fiel ao real, ela não descarta a sua natureza de simulacro, de construção fictícia.

Nas fotos que foram realizadas, buscando privilegiar o tema da produção de moda, trabalhei com enquadramentos fechados, muitas vezes abdicando não só do rosto do personagem como também do contexto da festa em que estava inserido. Sendo assim, manipulei o registro para poder justamente centrar a atenção do espectador no corpo como suporte daquela produção de moda, colocando em segun-

do plano as expressões faciais e os fatos que se desenrolavam no entorno. Como bem esclarece Arlindo Machado:

Se o enquadramento determina a fixação de um ponto a partir do qual a câmera toma seu objeto, isso por si só já estabelece uma hierarquia de valores dentro do quadro, que corresponde à forma como a posição da objetiva refrata o visível: algumas coisas vão estar em primeiro plano ou em posição privilegiada em relação ao ponto de tomada e, por conseqüência, vão ser valorizadas e ganhar importância na cena; outras coisas vão ser jogadas para o fundo, reduzidas de tamanho na relatividade das proporções perspectivas e, dessa forma, funcionarão com um peso menor na escala de importância da cena; umas terceiras ainda terão sorte pior: serão eliminadas de campo, pois o enquadramento as esconderá atrás de algum objeto ampliado no primeiro plano. (1984, p. 103).

Sendo a fotografia imagem de múltiplos significados, por sua própria natureza, permite a abordagem de situações variadas, com diferentes enfoques, tanto no processo de desvelamento do objeto fotografado, como no processo de fruição da foto revelada.

Pensar a fotografia não implica apenas refletir sobre certo tipo de imagem ou sobre um sistema de trocas simbólicas. Tal reflexão requer bem mais, pois, desde o início, a fotografia demonstrou ser um agente de conformação da realidade num processo de montagem e de seleção, no qual o mundo se revela “semelhante” e “diferente” ao mesmo tempo.

[...]

A fotografia cria uma visão do mundo a partir do mundo, molda um imaginário novo, uma memória não seletiva porque cumulativa. Em sua superfície o tempo e o espaço inscrevem-se como protagonistas absolutos, não importa se imobilizados, ou até melhor se imobilizados porque passíveis de uma recuperação, feita de concretude e devaneio, na qual, a aparente analogia se revela seleção, construção, filtro. (FABRIS, 1998, p. 9; p.36).

Mesmo que se passe o instante do ato fotográfico, a foto ainda existe, conferindo ao evento tanto uma espécie de imortalidade quanto a possibilidade de gerar novas imagens, outros focos, outras abordagens através da mediação da fotografia, em sua utilização, por exem-

plo, em desdobramentos criativos da foto original. A suposta captação objetiva da realidade torna-se, na verdade, um grande ponto de partida para um transbordamento de possibilidades poéticas, que se inicia na escolha do enquadramento.



“Eu que fiz!”, fotografia, 2005. Giovana Dantas.

A intervenção no espaço urbano

A festa, a fotografia, o encontro e o acaso

O importante na arte não é buscar, é poder encontrar.

Picasso

O trabalho do fotógrafo pode estar muito mais centrado no acaso do encontro do seu objeto do que na sua construção. As diferentes maneiras de produção da fotografia podem estipular variantes de acordo com a proposta do artista. Em estúdio fechado, na busca da imagem fotográfica, existe a possibilidade de construir estruturas, de esculpir objetos, de moldar diversos materiais, ou mesmo dirigir uma cena elaborada artificialmente, e cuja própria artificialidade é tessitura formativa da imagem produzida. Em outros momentos, a magia do encontro e do acaso permeia a motivação criativa da foto.

Levando em conta que uma imagem fotográfica é seleção de matérias e de situações simbólicas, é enquadramento e angulação, ou

seja, composição para construção de sentido, constata-se que se está diante de um processo artístico que é, por si, um fenômeno de formatividade. Como todo processo do âmbito da criatividade, a fotografia dialoga com o acaso, com o erro, como possibilidades pródigas deste processo. Tais instâncias, por sua vez, permitem experimentações e ensaios, tomadas e retomadas, pausas e esquecimentos, edificando um percurso muitas vezes não em linha reta, e em cujo processo novas soluções se apresentam. Daí o constante diálogo da fotografia contemporânea com as artes visuais.

Enquanto os defensores da fotografia se ocupavam de fazê-la caber nos critérios mais acadêmicos da arte, esqueciam-se de ver o que ela realmente trazia de novo e camuflavam suas especificidades que a definem como um meio técnico. [...] Se a fotografia se impõe hoje legitimamente como forma de expressão artística, isso significa menos que ela tenha conseguido se adaptar aos cânones tradicionais da arte do que ajudado a transformá-los. (ENTLER, 2005, p. 275).

O acaso não apenas se refere ao desvio de um projeto inicial, por alguma dificuldade exposta no caminho, mas a toda a ambiência que naturalmente surge a partir de interferências alheias, encontros inesperados. Nas artes visuais contemporâneas, o ato de apropriação já se constitui, por si só, em uma ação artística. A arte apropria-se do acaso e de fragmentos materiais ou imateriais do cotidiano. A fotografia é uma apropriação, ainda mais quando se avizinha do acaso.

Os acidentes do acaso são muito mais freqüentes do que se possa imaginar, mas o espectador ou usuário da fotografia não chega a tomar consciência disso, porque as fotos que ele vê cotidianamente nos álbuns, nas revistas, nas galerias são quase sempre as fotos felizes". (MACHADO, 1984, p. 44)

Por outro lado, podemos dizer que fotografar vai muito além do fugaz enlace entre o acontecimento ou objeto a ser capturado e o fotógrafo. O próprio ato fotográfico é, por si só, um ato, uma ação, uma *performance* – fazeres repletos de *nuances* que se configuram no contexto da situação.

No caso das fotos realizadas na *Parada Gay*, parte da produção foi calculada: o espaço, o horário, a localização do cenário. No entanto, cabia ao acaso o encontro, a aceitação de ser fotografado, a sedução pela instalação, a vontade de interagir com aquele pequeno

recorte no amplo e movimentado espaço da rua. Sendo assim, foi tomada como ponto de referência para o trabalho a própria instalação erguida no espaço urbano, a qual, por sua vez, foi compartilhada, alterada e ressignificada pelo público, tornando-se um espaço socialmente colocado em tensão criativa pelas relações que ali se engendravam, possibilitando o resultado alcançado no trabalho. Susan Sontag esclarece:

Uma foto não é apenas o resultado de um encontro entre um evento e um fotógrafo; tirar fotos é um evento em si mesmo, e dotado dos direitos mais categóricos – interferir, invadir ou ignorar, não importa o que estiver acontecendo. Nosso próprio senso de situação articula-se, agora, pelas intervenções da câmera. A onipresença de câmeras sugere, de forma persuasiva, que o tempo consiste em eventos interessantes, eventos dignos de serem fotografados. Isso, em troca, torna fácil sentir que qualquer evento, uma vez em curso, e qualquer que seja seu caráter moral, deve ter caminho livre para prosseguir até se completar – de modo que outra coisa possa vir ao mundo: a foto. (2004, p.21-22).

A fotografia, então, não só significa uma interpretação do real como seu decalque, seu vestígio, como uma pegada ou uma máscara mortuária. Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada, mas também é uma ação, um experimento em si mesmo, que dialoga e se confunde com o próprio processo artístico, tomando para si, para sua própria natureza de objeto de arte, o acaso e a exposição dos meios de sua produção.

A moda e o corpo potencializado

O vestir é um show diário, [...] é um personagem que você pode escolher em assumir ou não.

Ronaldo Fraga

De modo geral, o Ocidente considerou o corpo tomando como base pré-conceitos morais, estéticos, ideológicos e filosóficos. Contribuíram, para isto, a condenação judaico-cristã da carne, a permanência do idealismo platônico e a colocação da sensibilidade em segundo plano, em proveito das “coisas” do espírito. A emancipação cultural do corpo seria, então, decorrência de uma série de ações ao longo da

História, como por exemplo, a investigação do corpo orgânico realizada pela ciência, ou as pesquisas na área da psicologia, desnudando a complexidade do pensamento sensível, como também a dessacralização da cultura a partir do Renascimento.

Para isso, as representações do corpo na arte, principalmente nas artes visuais, desempenharam um papel fundamental, como, por exemplo, na arte do retrato, que vem individualizar o sujeito, e também na crescente autonomia do retrato de nu, presente na pintura, na escultura e na fotografia. No entanto, numa sociedade onde tudo se torna espetáculo, a moda também tem tido um papel fundamental como fator de identidade, dialogando com o corpo.

Nesta sociedade espetacular é significativo o diálogo da moda com o corpo e versões no campo artístico, científico ou sociológico. Paralelamente à afirmação do corpo, de sua identidade, de sua heroicização no limite de uma nova abstração hiperbólica na imagem, a moda registrará os movimentos de rebaixamento do corpo, enfatizando o grotesco, o imaginário maquínico num movimento caleidoscópico que depõe sobre a dúvida identitária que paira agora no contemporâneo. (VILLAÇA; GÓES, 2001, p.133)

Sob uma outra ótica, a erotização do corpo masculino vem ganhando destaque no mundo contemporâneo, graças ao Movimento Gay, nas suas diferentes formas de atuação desde meados dos anos 60, que tem colocado em pauta questão referente à representação tradicional desse corpo. Tal fenômeno abre novas possibilidades de discussão acerca das identidades contemporâneas de gênero.

Tem sido notado, ao longo da História, que os vários elementos que compõem um vestuário revelam um caráter muito mais simbólico do que funcional. Estes elementos apresentam tanto uma identidade coletiva como sinais de individualização. Na *Parada do Orgulho Gay*, seus participantes reconstróem seus respectivos corpos para manifestarem suas fantasias e opções sexuais. O corpo é manipulado e potencializado através do modo como se veste para evidenciar suas características mais atraentes, que são eleitas segundo valores estéticos, que, por sua vez, são compartilhados por determinado grupo.

O corpo torna-se o suporte ideal de discursos que revestem significativamente o ser humano, capacitando-o como sujeito do fazer, dotado de competências performáticas para assumir

diferentes papéis sociais que são desempenhados e devidamente caracterizados pela decoração corpórea. Por sua vez, essa decoração será vista como um traço inerente do sujeito em relação à sua atuação no mundo. (CASTILHO, 2004, p. 40).

Nesse contexto, o impulso de olhar e o desejo de ser olhado convocam contínuas ressignificações do corpo, para despertar a curiosidade no outro. Na *Parada Gay*, é nítida a preocupação com a construção de personagens que funcionam como agentes de sedução do olhar. Em situações interativas, o sujeito tem um cuidado especial com o embelezamento e o jogo de atratividade.



“Eu que fiz!”, fotografia, 2005. Giovana Dantas.

Sobretudo as festas, eventos ritualísticos, apresentam-se como ocasiões significativas para o estabelecimento do jogo entre um sujeito que *quer mostrar-se* para ser olhado e o outro que *quer olhar para ver*, dando início às relações sociais mais variadas em que imperam questões de “fazer-se notar”, “seduzir”, “provocar”, “persuadir”, “tentar”, entre outras que englobam as estratégias de manipulação regedora do regime de visibilidade do sujeito. (CASTILHO, 2004, p. 82).

Na *Parada Gay*, é presente o desejo de mostrar-se como condição de existência, de demarcação de territórios que implicam um conjunto composto não só de espaço, mas de tempo, valores, comportamento. Os corpos são redesenhados através do vestuário, expressando suas subjetividades, em instâncias individuais ou coletivas bem demarcadas. A moda estimula a descoberta de imagens pessoais.

“Faça você mesmo”

Um recorte da moda na parada gay

Se a roupa é uma segunda pele, a extensão do corpo (Mc Luhan), é preciso arrancar a pele, buscar o sangue, as víceras.
Arte corporal, arte muscular.

Frederico Moraes

Ao longo da segunda metade do século XIX, a moda instala-se na sociedade. Com a industrialização da moda, a roupa vai gradativamente deixando de ser um objeto de fabricação artesanal e doméstica, em geral dirigida à comercialização ou ao consumo próprio, para transformar-se em um produto industrializado. Concebida como empresa, a confecção de roupas de moda terá seu ritmo de produção e circulação.

Em 1857, o inglês Charles Frederic Worth abre a casa que viria a ser considerada a primeira *maison* de Paris, inaugurando o advento da alta-costura. Daí em diante, forma-se assim uma dinastia de grandes costureiros que ditariam moda para o resto do mundo durante um século, até meados de 1950.

Com o surgimento e a consolidação do *prêt-à-porter*¹, os focos de referência em moda se diversificam. O sistema montado pela indústria oferecia agora roupas produzidas em escala, de qualidade e alinhadas às novas tendências. Em paralelo, uma cultura jovem se anunciava

¹Expressão que significa “pronto para usar” em francês ou *ready to wear*, em inglês. Termo usado para designar o sistema da moda a partir da década de 50, com a consolidação da produção em série.

nos anos 50, e a moda vai ser enriquecida por referências produzidas na rua, por pessoas comuns que, de modo reflexivo, passam a influenciar a indústria da moda em geral. Nota-se uma inversão nos referenciais de moda, o que implica uma maior autonomia do sujeito ao se aventurar em compor seu visual.

Dessa forma, na década de 90, a moda alcança todo o seu poder de expressão, tornando-se um espelho dos códigos culturais, e estimulando um estilo de vestir. Mas foi entre os anos 60 e 70 que este descentramento da moda já começava a incentivar o surgimento de modelagens diversas, avessas à imposição das grandes marcas e da alta costura, focando agora a experiência estética do próprio sujeito. Inicia-se, dessa maneira, a moda tirada da rua, envolvida nos movimentos marginais dos jovens e na vida cotidiana. Hoje, a moda é despadronizada, oferecendo infinitas escolhas, e caminhando em direção à personalização dos indivíduos. Para Renata Pitombo:

Nada mais na moda do que o “faça você mesmo”. Este tem sido um *slogan* freqüente no mundo *fashion*. Mais do que ter um estilo, o importante é construir um estilo. Se nos anos 90 o perfil do consumidor infiel às marcas desponta nas grandes cidades provocando, de fato, uma liberdade de escolha que permite a aventura e o fascínio de compor o próprio visual, hoje, no século XXI, o desafio de ser um criador é quase uma imposição. É preciso ser estilista de si mesmo. (2006).



“Eu que fiz!”, fotografia, 2005. Giovana Dantas.

Os signos que compõem a aparência de uma pessoa retratam a sua identidade. Escolhemos o modo como nos vestimos, os acessórios que usamos e que complementam a roupa, a cor e o formato do cabelo, penteados, maquiagem, que configuram uma operação cujo resultado é uma composição única.

Na busca da singularidade, um fenômeno marcante na moda aparece em fins da década de 90, como reação ao autoritarismo das grandes marcas – a customização. Como parte da juventude não podia, então, bancar o luxo destas marcas, começou a interferir ludicamente em peças de seu vestuário, bordando-as, fragmentando-as e recompondo-as, em busca de um *look*² único.

O fenômeno da customização – palavra oriunda da expressão inglesa *custom made* que significa “feito sob medida” – atesta esta tendência. É com o espírito criativo que muitos jovens, que não podem bancar o luxo das marcas, começam a brincar de “trabalhar” as peças, bordando, aplicando acessórios, em busca de um *look* único, personalizado. (PITOMBO, 2006)

Em relação ao evento anual, a *Parada Gay*, a composição plástica das cores, volumes e transparências exhibe o orgulho e a alegria presentes em toda atividade criativa, que tentei recortar na composição do enquadramento fotográfico de cada *look* capturado. No texto de apresentação da exposição “*Eu que fiz!*”, Renata Pitombo ainda ressalta:

Ao mergulhar no universo imagético da Parada Gay, a lente de Giovana Dantas expõe o estilo de um grupo que se aglutina em torno da alegria, do espírito lúdico, da sensualidade e da extravagância. [...] Cada uma das imagens revela o desejo de compor um visual singular, próprio, personalizado, ainda que inscrito num grupo. Aliás, esta é a dinâmica da moda: individualizar num coletivo; permitir o exercício da fantasia, no seio de uma certa familiaridade. Esbanjando alegria e liberdade de espírito, as imagens de “*Eu que fiz!*” revelam de forma singular um dos principais papéis da moda: permitir que cada um se apresente como quiser. (2006).

No caso específico da *Parada Gay* de Salvador, a construção de um personagem através do modo de vestir é um fato que se estende por todo o evento, como uma condição da sua própria realização. Estes personagens até se dão um nome fictício para este momento especial, tornando-se individualizados, ainda que dentro de uma coletividade. Tudo colabo-

²Palavra utilizada para exprimir o tipo de construção de imagem que é dada a partir da escolha de determinada roupa e acessórios, no contexto de uma moda aberta e flexível em que é possível a exacerbação da dinâmica individualista.

ra para a construção de uma espacialidade também demarcada pelas relações que ali se estabelecem, mediante o compartilhamento de valores. A moda é instrumento de socialização e produto da criatividade.

As fotografias expostas, que focam detalhes dessa produção de moda, não registram a Parada Gay como um todo. Estas fotografias foram realizadas a partir de um cenário colocado na rua e da participação dos passantes. Estas imagens, que contaram com o acaso na sua realização, são registros de pequenos recortes da moda. Elas são também composições que têm seu próprio valor de objeto de arte.

Referências

- BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia (Org.). *Corpo: território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005.
- CASTILHO, Kathia. *Moda e linguagem*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo. *Discursos da moda: semiótica, design e corpo*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005.
- ENTLER, Ronaldo. Fotografia e acaso: a expressão pelos encontros e acidentes. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec: Editora Senac São Paulo, 2005.
- FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 11-37.
- LAYER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MORAIS, Frederico. Contra a arte afluyente: o corpo é o motor da "obra". In: BASBAUM, Ricardo (Org.). *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 168-178.
- PEREIRA, Carlos Alberto Meseder. Algumas reflexões em torno da erotização do masculino: cenários do mundo gay. In: VILLAÇA, GÓES, Fred (Org.). *Nas fronteiras do contemporâneo: território, identidade, arte, moda, corpo e mídia*. Rio de Janeiro: Mauad: FUJB, 2001. p. 147-158.
- PITOMBO, Renata. *Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2005.
- PITOMBO, Renata. *Estilista de si mesmo*. Texto de apresentação para a exposição "Eu que fiz!", Salvador, 2006.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. A emancipação cultural do corpo. In: _____ . *Nas fronteiras do contemporâneo: território, identidade, arte, moda, corpo e mídia*. Rio de Janeiro: Mauad: FUJB, 2001. p. 131-136.

